

Considerações acerca do tema do *Cogito ferido* em Freud e a tarefa de reconstrução do conceito de sujeito em Ricoeur: prolegômenos para uma ética

Prof. Dr. João Bosco Batista
(UFSJ - São João del Rei-MG - Brasil)
jkdcbosco@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que busca investigar a temática do sujeito na “filosofia reflexiva” de Paul Ricoeur. Como procedimento metodológico, optamos pelo recorte da fase da obra do autor (1960-1969), na qual retoma o problema da subjetividade pelo viés psicanalítico, notadamente em *Da interpretação: ensaios sobre Freud*. Nossa argumentação consiste em demonstrar a relevância desta problemática tal como é apresentada por Ricoeur. A nosso ver, o autor, num rasgo de originalidade, consegue por meio da hermenêutica simbólica, por ele adotada, apresentar uma reflexão filosófica sobre a psicanálise e apropriar-se de um discurso que se beneficia dela, enquanto movimento de desconstrução da consciência imediata e, com destreza, aponta uma saída para a aporia em que se encontrava o sujeito. A denegação do sujeito, potencializada pela psicanálise, é habilmente submetida à reflexão crítica e instrumentalizada estrategicamente para servir ao discurso de valorização de uma nova concepção do sujeito. Diríamos que, das cinzas do sujeito (ou *cogito*) cartesiano, deixadas pela desconstrução freudiana, Ricoeur faz renascer uma nova concepção da existência humana ou da subjetividade, depurada de sua falsidade ou imediatez. Que sujeito é esse que é resgatado pela hermenêutica ricoeuriana? Qual a importância dos símbolos culturais e religiosos para a empreitada reflexiva de construção de um novo conceito de sujeito ou de consciência em Ricoeur? Como a psicanálise serviu aos propósitos do filósofo? Tais problemas norteiam nossa investigação da filosofia “prática” que propõe o autor, na qual a consciência é uma tarefa inacabada, um esforço ou desejo de ser.

Palavras chave: Psicanálise; Ricoeur; Cógito; Sujeito; Hermenêutica.

1. Considerações iniciais

Nossa reflexão busca investigar a temática do sujeito na “filosofia reflexiva” de Paul Ricoeur. Como procedimento metodológico, optamos pelo recorte da fase da obra do autor (1960-1969), na qual retoma o problema da subjetividade pelo viés psicanalítico, notadamente em *Da interpretação: ensaios sobre Freud* (1965) e *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica* (1969). Nossa argumentação consiste em demonstrar a relevância desta problemática tal como é apresentada por Ricoeur. A nosso ver, o autor, num rasgo de originalidade, consegue por meio da hermenêutica simbólica, por ele adotada, apresentar uma reflexão filosófica sobre a psicanálise e apropriar-se de um discurso que se beneficia dela, enquanto movimento de desconstrução da consciência

imediate e, com destreza, aponta uma saída para a aporia em que se encontrava o sujeito. A denegação do sujeito, potencializada pela psicanálise, é habilmente submetida à reflexão crítica e instrumentalizada estrategicamente para servir ao discurso de valorização de uma nova concepção do sujeito. Diríamos que, das cinzas do sujeito (ou *Cogito*) cartesiano, deixadas pela desconstrução freudiana, Ricoeur faz renascer uma nova concepção da existência humana ou da subjetividade, depurada de sua falsidade ou imediatez. Que sujeito é esse que é resgatado pela hermenêutica ricoeuriana? Qual a importância dos símbolos culturais e religiosos para a empreitada reflexiva de construção de um novo conceito de sujeito ou de consciência em Ricoeur? Como a psicanálise serviu aos propósitos do filósofo? Tais problemas norteiam nossa investigação da filosofia “prática” que propõe o autor, na qual a consciência é uma tarefa inacabada, um esforço ou desejo de ser.

Em outras palavras, a hermenêutica ricoeuriana procura superar o sujeito cartesiano dicotomizado da realidade, substancializado em *Cogito*. A sua atenção volta-se, prioritariamente, para as questões do homem enquanto indivíduo situado e contextualizado por uma malha de signos que precisam ser interpretados, visando a uma maior compreensão da existência humana e de seus problemas fundamentais. Ricoeur é, sem dúvida, um dos mais autorizados intérpretes da nossa estrutura cultural e do entendimento que o homem contemporâneo possui da própria vida. Ele aborda com profundidade problemas filosófico-teológicos, colocando no cerne de suas indagações o problema da significação dos feitos e fatos humanos – o homem é o problema fundamental que permeia sua chamada “filosofia reflexiva”.

É bom ressaltar que o trabalho de Ricoeur não tem um cunho caracterizadamente psicanalítico, mas filosófico. Ricoeur foi um assíduo e cuidadoso leitor de Freud. O interesse de Ricoeur é problematizar o pensamento freudiano e não propriamente a psicanálise e as escolas pós-freudianas. É como filósofo que se propõe a tarefa de interpretar a obra freudiana. Sem ser analista nem analisado, ele enfrenta o risco de tratar a obra freudiana como um monumento de nossa cultura. O que lhe importa é a nova concepção de homem introduzida por Freud (RICOEUR, 1977, p. 11). A reflexão ricoeuriana é, portanto, uma leitura crítica, conduzida por seus interesses estritamente hermenêuticos do ponto de vista de sua “filosofia reflexiva”.

Nessa fase de sua obra, Ricoeur preocupa-se em alcançar uma compreensão do homem apoiada na contribuição da psicanálise, onde a hermenêutica é considerada como interpretação amplificadora das expressões simbólicas. A sua investigação busca, portanto, compreender o significado da interpretação para a psicanálise; ela procura mostrar a nova compreensão do homem que decorre da interpretação freudiana e intenta coordenar a interpretação freudiana com as outras interpretações.

Portanto, para entender a leitura que Ricoeur faz de Freud é preciso compreender também que esta leitura está circundada por um projeto filosófico. Ricoeur estuda Freud para elaborar hipóteses e enriquecer sua condição de intérprete dos símbolos e filósofo da reflexão. A psicanálise, enquanto obra escrita, o fascina, pois ela tem uma maneira própria de ler e interpretar os símbolos e a fala humana, além de propor difíceis questões à filosofia a partir de sua descoberta do inconsciente.

As fontes dessa meditação são os escritos de Freud, Nietzsche e Marx, por terem em comum o exercício da dúvida a respeito da consciência imediata de si; são os “mestres da suspeita”, pensadores que recusaram as certezas da consciência imediata e que assinalaram a possibilidade da ilusão a respeito da consciência de si mesma. A crítica que fazem da modernidade (Descartes, Kant), desencadeada pelo questionamento dessas certezas, sublinhou a importância do sonho e da decifração da linguagem onírica para a compreensão do homem. Os problemas filosóficos implicados são a discussão do estatuto epistemológico da psicanálise e a descoberta da crise da noção de consciência. Trata-se, pois, de reconhecer que a consciência não está na origem de nossa existência, mas que ela é uma tarefa; urge, desta forma, descobrir o sentido do inconsciente para um ser que tem a consciência como tarefa, como objetivo de vida; em suma, trata-se de compreender o que quer dizer essa tarefa, para um ser que traz em seu bojo a existência do inconsciente.

2. O *Cogito* partido: a consciência desapropriada de si mesma

Desde o início de sua trajetória em *O voluntário e o involuntário*, Ricoeur situa-se num certo combate às versões mais exacerbadas do idealismo, em particular à pretensão de auto-suficiência da consciência de si, para ressaltar os limites dessa tentativa. Isso se

evidencia por meio da aceitação dos limites apresentados pela crítica kantiana, onde ficam expostas as demarcações intransponíveis da racionalidade e da linguagem humanas, sob pena de cair nas aporias ou, pior, na *hybris* (desmedida) de um pensamento que se auto-institui em absoluto. Nessa empreitada de oposição aos exageros da tradição idealista, Ricoeur aponta como *leitmotiv* de sua filosofia, uma pesquisa simultaneamente sóbria e apaixonada das relações da consciência e do sujeito com o mundo que os circunscreve e os constitui por inúmeros laços. Diríamos, em termos heideggerianos, que Ricoeur se debruça sobre a pesquisa das inúmeras maneiras do sujeito humano habitar o mundo e torná-lo mais habitável. À "exaltação do *Cogito*" ele opõe um *Cogito* "desancorado" ou "partido", como escreve no prefácio a *O si-mesmo como um outro* (RICOEUR, 1991, p. 22), opõe uma "hermenêutica do si".

A abordagem de Ricoeur da problemática do sujeito é eminentemente hermenêutica e interessa-lhe elaborar o próprio conceito de interpretação. Ele observa que seus primeiros escritos repousavam sobre uma noção "amplificante" de interpretação: uma interpretação atenta ao acréscimo de sentido incluído no símbolo e que a reflexão tinha por tarefa liberar. O confronto com os "três grandes mestres da suspeita", Freud, Marx e Nietzsche – através do diálogo com a psicanálise, com o estruturalismo, entre outros marxistas, e com o pós-heideggerianismo –, leva-o a admitir outra possibilidade de interpretação: uma interpretação redutora, isto é, de denúncia das ilusões, genealógica, no sentido de Nietzsche, de crítica ideológica, como em Marx, de descoberta do recalque e da repressão, considerando em Freud. Dessas leituras, portanto, Ricoeur tira ainda mais munição para a sua empresa de desmistificação das pretensões teóricas totalizantes. Ele ganha, igualmente, instrumentos privilegiados de análise da relação temporal que subjaz à prática hermenêutica. Como as manifestações culturais, individuais ou coletivas não se constituem a partir de uma produção linear e tranquila de sentidos acumulados, mas surgem também de conflitos, de deslocamentos, de disfarces e de transferências, assim também a relação entre o presente do intérprete e o passado mais ou menos longínquo da obra interpretada não se resume à mera relação de aceitação e de transmissão. A própria transmissão da tradição obedece a motivos e interesses diversos, explícitos ou implícitos, tematizados ou inconscientes, que interferem no processo hermenêutico enquanto tal. No processo

interpretativo confrontam-se sempre dois mundos, o da obra e o do intérprete. Ambos devem ser refletidos. A dinâmica da compreensão comporta, porém, certo apagamento do intérprete em favor da obra; uma "desapropriação de si" para deixar o texto, por exemplo, nos interpelar na sua estranheza e não só nos tranquilizar naquilo que nele projetamos, mas também produzir, graças ao confronto entre o universo do intérprete e o universo interpretado, uma transformação de ambos. O processo hermenêutico, poderíamos dizer, desapropria duplamente o sujeito da interpretação: obriga-o a uma ascese primeira diante da alteridade da obra; e, num segundo momento, desaloja-o de sua identidade primeira para abri-lo a novas possibilidades de habitar o mundo (GAGNEBIN, 1997).

É nessa perspectiva que Ricoeur coloca-se diante da psicanálise: como hermeneuta e filósofo da reflexão. O seu encontro com a obra de Freud é permeado pelo anseio interpretativo com vistas à ampliação do dimensionamento do homem no mundo da cultura, da linguagem e dos símbolos, ou seja, do sujeito concreto em um mundo sempre aberto a novas possibilidades e diferentes leituras. Horizontalidade e verticalidade se dialetizam na concreção da existência: o horizonte da história e sua inerência na verticalidade do sagrado. Ricoeur explora a influência que a psicanálise exerce sobre a hermenêutica e vice-versa. Ou seja, além de uma interpretação da psicanálise, Ricoeur pensa ser possível falar de uma psicanálise da hermenêutica, isto é, uma elucidação de uma possível base pulsional nas disciplinas interpretativas. Há, portanto, entre psicanálise e hermenêutica uma relação de reciprocidade.

O freudismo apresenta uma difícil questão para o filósofo: o questionamento do sujeito pensante. O sujeito jamais é aquilo que se pensa crer que ele seja. Há um desapossamento radical do *Cogito* cartesiano. Freud apresenta a nudez da consciência narcísica imediata, tal como aparece em Descartes e perpassa o pensamento moderno. Em outras palavras, a hermenêutica da suspeita do sujeito desmorona a apoditicidade do "eu penso" que envolve, por sua vez, a dúvida quanto à natureza do "eu sou". O resultado da hermenêutica psicanalítica desvela a impossibilidade de uma apreensão direta da consciência de si e por si.

Ricoeur reconhece a justeza da crítica psicanalítica. Não pensa que seja possível continuar a fazer filosofia como antes. Mas, também, ele não pensa que seja necessário

encerrar a reflexão filosófica. Para ele, depois do advento da psicanálise, a reflexão filosófica precisa incorporar os recursos do próprio freudismo como instrumento da reflexão e da crítica da consciência imediata. Ele percebe que através da reflexão pós-analítica, a filosofia precisa abandonar a ingenuidade e a segurança da consciência imediata. A consciência passaria a ser vista como uma entre outras localidades psíquicas. A reflexão deve agora se apropriar do instrumental interpretativo oferecido pela metapsicologia, ou seja, a interpretação do desejo passaria a ser um dos instrumentos da reflexão.

Nessa etapa do descentramento da consciência, além de ter que reconhecer o inconsciente como localidade psíquica, também seria necessário reconhecer a presença do narcisismo. Com a introdução do narcisismo o ego deixaria de ser o sujeito do *Cogito* e passaria a ser objeto de desejo. O narcisismo surgiria como uma grandeza metafísica, um gênio maligno que resiste profundamente à verdade. Uma das verdades que o narcisismo nos impede de ver é a de não conhecermos nada acerca de nós mesmos e também de que não somos senhores de nossa própria psique. Assim se descobre que é só mediante um processo de humilhação que o ego aprende alguma coisa sobre si mesmo.

Com a desconstrução da consciência imediata, realizada pela psicanálise, patenteia-se que a consciência humana não pode mais pensar-se como puro princípio ou ponto de partida. Pelo contrário, interpreta Ricoeur, ela é apenas uma antecipação que deve, como tal, realizar-se como “desejo de ser”, sabendo de antemão que tal esforço é uma tarefa inacabada. Devido à sua condição encarnada, o eu surge disseminado e perdido; isto significa justamente que não possui desde logo aquilo que é. Por isso, é obrigado a investir-se em signos contingentes e opacos, que mediatizam, realizando-o em seu ato de ser.

Vimos que a metapsicologia de Freud sugere à filosofia o desapossamento da consciência como caminho e o tornar-se consciente como tarefa. Caso este projeto seja aceito pela filosofia, então o único *Cogito* possível é um *Cogito* que não se possui, que aceita não compreender a sua própria verdade originária, um *Cogito* que lute contra a ilusão e a mentira da consciência atual. Ricoeur reconhece esta inadequação da consciência imediata, mas não se contenta com tal constatação; pensa que é preciso continuar com a reflexão. Depois da “humilhação” da consciência, torna-se necessário vislumbrá-la agora

não como algo em si. O modelo pulsional da psicanálise sugere que ela deve ser entendida pelo desejo que a sustenta. A consciência experimenta seu primeiro “trabalho de luto”, pois é humilhada e abandonada como centro da estrutura da existência humana. Diante da inexistência da consciência imediata, evidencia-se a necessidade da interpretação para a verdadeira autocompreensão. Fica claro, para Ricoeur, que o ato de existir afirma-se na diferença e na relação com outros atos, exprime-se por meio de obras e sinais.

3. A psicanálise e o problema da compatibilidade hermenêutica de seu discurso

Vimos que o freudismo coloca uma difícil questão para a filosofia. Ele questiona o sujeito pensante. O sujeito jamais é aquilo que se crê que ele seja. A crítica freudiana é radical: põe em dúvida a própria continuidade da tarefa filosófica. Ricoeur não menospreza a contundência da postura freudiana em relação ao sujeito, mas considera que é preciso pensar o sujeito, que seja a qualquer preço! Ele acredita numa reflexão pós-freudiana; é preciso, para isso, incorporar o próprio freudismo como instrumento da reflexão e da crítica da consciência imediata. A filosofia reflexiva de Ricoeur é aquela que abandonou a ingenuidade e segurança da consciência imediata (FRANCO, 1995, p.192).

Não há dúvida que a “perda” da consciência desorienta o filósofo, ao menos inicialmente. Ele é obrigado a passar um tempo na escuridão antifenomenológica que questiona a apoditicidade da reflexão e a imediatez da consciência. Apropriando-se do instrumental oferecido pela metapsicologia freudiana, que colocou a consciência como uma entre outras localidades psíquicas (na primeira tópica, ela ocupa um lugar em meio ao inconsciente e o pré-consciente; na segunda tópica, o Ego encontra-se entre duas forças estranhas: o Id e o Superego – uma interna e outra externa). Segundo Ricoeur, a reflexão pós-freudiana deve assumir a interpretação do desejo ou, conforme ele chama, a “semiótica do desejo” como um dos instrumentos fundamentais da reflexão filosófica. Ricoeur possui uma leitura da obra de Freud que se caracteriza por enxergar na fala psicanalítica uma dualidade de discurso: o criador da psicanálise refere-se ao funcionamento do aparelho psíquico em termos de sentido e força. Dessa forma, a psicanálise é tanto uma hermenêutica que compreende os sentidos, quanto uma “energética” que explica as forças em jogo na psique humana. Esta é a tese de Ricoeur.

Esta tese de Ricoeur, na verdade, representa uma solução para uma disputa entre duas leituras concorrentes da obra de Freud. Há quem veja Freud como um naturalista. Segundo essa leitura, sua metodologia de trabalho deveria ser comparada à da biologia ou da física. O homem freudiano, segundo essa corrente, é em essência um complexo pulsional, um produto passivo dos impulsos que vêm do corpo. Nessa visão, de viés positivista, o psiquismo seria “infiltrado” e determinado pelo corpo. Para os adeptos desta leitura, a linguagem mecanicista de Freud é privilegiada. O homem deve ser compreendido a partir de um jogo de forças cegas.

Os críticos dessa visão naturalista de homem não de dizer que tal concepção deixa de fora exatamente o que há de mais essencial e humano no homem; reducionista, esta visão não trabalha o sentido da existência humana. Não se trata de dizer apenas que esteja faltando algo na visão naturalista. De fato, outros tantos leitores de Freud vão dizer que sua obra é uma pesquisa constante do sentido, uma busca de significações ocultas. A própria relação terapêutica na psicanálise só pode ser pensada como uma produção de sentidos. O sentido dos sintomas está oculto aos pacientes e as significações produzidas na sessão de análise tratam, exatamente, de devolver o sentido ao paciente. Essa segunda abordagem quer privilegiar a decifração de sentido na obra de Freud. Desta forma, vemos instaurado o conflito: será Freud um naturalista ou será um hermenauta? A psicanálise deve ser compreendida como um jogo de forças ou como uma decifração de sentidos?

Diante destes dois padrões de discurso, as correntes acima mencionadas têm tentado separar um Freud de outro. Quem quisesse fazer uma leitura seletiva de Freud, não teria dificuldade para sustentar uma ou outra dessas visões. Na verdade, tal separação de “dois Freuds” representa uma enorme violência ao texto freudiano. As duas linguagens estão ali o tempo todo. Nem se pode dizer que haja uma direção ou um movimento aonde a linguagem vá superando a outra. Há, de fato, momentos mais energéticos e momentos mais hermenêuticos. Mas os momentos energéticos são seguidos por momentos hermenêuticos, e vice-versa. O texto freudiano não recomenda a separação nem a exclusão de uma das linguagens. Pelo contrário, Freud parece se sentir bem à vontade com seus dois estilos de falar. Parece que, para ele, não há contradição entre decifração e explicação energética. Ricoeur embrenha-se por este caminho perceptível nos escritos de Freud.

Para Ricoeur, Freud não era ingênuo do ponto de vista epistemológico. Ele acredita que Freud deliberadamente reuniu duas ordens de discurso diversas em seu arcabouço teórico: a linguagem da força e a linguagem do sentido. Dito isso, o problema agora não se localiza em ter que escolher uma linguagem, em detrimento da outra. O problema real é que Freud não possuía as condições necessárias para demonstrar a articulação destas duas linguagens, deixando a questão em aberto.

Não é a pretensão de Ricoeur preencher as duas lacunas deixadas por Freud. Como filósofo e leitor crítico de Freud, ele busca a dialética entre as linguagens da força e do sentido. Quando ele estuda o *Projeto* de Freud, percebe que este fala de um estado energético de sua teoria, um estado em que não comparece a hermenêutica. A antítese propriamente entre as duas linguagens emerge em *A interpretação dos sonhos*, onde a hermenêutica floresce. Segundo Ricoeur, o equilíbrio entre força e sentido, seria encontrado nos escritos metapsicológicos. O filósofo pretende mostrar a irreducibilidade do discurso freudiano à linguagem quer do sentido, quer da força.

Para mostrar como estas duas ordens se articulam, Ricoeur refere-se ao processo de interpretação dos sonhos criado pela psicanálise. Dessa forma, Ricoeur pretende demonstrar que não há conflito entre as duas ordens de linguagem. Aponta o conceito de pulsão em Freud como o lugar privilegiado desta harmonia. Nesse conceito freudiano, ele vê reunido tanto o sentido quanto a força.

No entanto, para compreender a envergadura da tese de Ricoeur é preciso não se ater somente à psicanálise. De fato, como afirmamos acima, o estudo que o filósofo francês empreende da psicanálise é um passo a mais em seu grande projeto filosófico. Na verdade, a psicanálise se insere como um modelo de interpretação que mediatiza o seu plano maior que consiste em ampliar sua filosofia reflexiva. A psicanálise é importante e entremeia sua hermenêutica, principalmente quando esta lhe apresenta os conceitos de causalidade e motivação. Isso lhe propicia verificar a diferença e, ao mesmo tempo, a relação que há entre explicação e compreensão. Ricoeur pode, ao lado de Freud, rerepresentar o problema da ação humana em termos de causa e motivo, ou seja, por meio da explicação e da compreensão. Não há dúvida que a explicação causal tem seu lugar garantido, quando se pretende explicitar o comportamento humano. Por exemplo, sempre que houver

constrangimento e força, o comportamento humano deve ser explicado casualmente, mesmo quando o constrangimento é interno. Os motivos inconscientes freudianos, que são interpretados pelo modelo energético, estão muito próximos da causalidade constrangedora. Especialmente em casos patológicos, a compulsão pode ser de tal ordem, que o sujeito sente-se passivo, vítima de seus impulsos internos. Por outro lado, é possível encontrar comportamentos humanos que não são regidos deste modo. Toda vez que surge um legítimo projeto humano, não há uma relação de causa e efeito, mas motivação. Mas, percebe Ricoeur juntamente com Freud, no dia a dia, o fenômeno humano situa-se em um espaço intermediário, entre a causalidade e a motivação, entre a explicação de causas e a compreensão de motivos. Em outras palavras, o ser humano move-se por desejo e por necessidade. Ele é membro da natureza e da cultura. Tem um corpo que o une ao natural e, ao mesmo tempo (sem dicotomizar), é uma experiência existencial que gera pensamento e amor. A psicanálise é um instrumento de interpretação que auxiliará Ricoeur na busca de se desvendar o fenômeno humano, o mistério da existência. A visão de Ricoeur da psicanálise está baseada na hipótese antropológica muito mais abrangente. De uma forma contundente, o pensador francês pretende evidenciar que os achados freudianos se relacionam e contribuem para o debate filosófico que procura desvelar na filosofia e na ciência os mistérios da vida humana.

Ricoeur explora a influência que a psicanálise exerce sobre a hermenêutica e vice-versa. Ou seja, além de uma interpretação da psicanálise, Ricoeur pensa ser possível falar de uma psicanálise da hermenêutica, isto é, uma elucidação de uma possível base pulsional nas disciplinas interpretativas. Há, portanto, entre psicanálise e hermenêutica uma relação de reciprocidade.

4. A hermenêutica simbólica

Com a desconstrução da consciência imediata, realizada pela psicanálise, patenteia-se que a consciência humana não pode mais pensar-se como puro princípio ou ponto de partida. Pelo contrário, interpreta Ricoeur, ela é apenas uma antecipação que deve, como tal, realizar-se, ou seja, é desejo de ser, esforço e, como tal, uma tarefa inacabada. Devido à sua condição encarnada, o eu surge disseminado e perdido e isto significa justamente que

não possui desde logo aquilo que é. Por isso é obrigado a investir-se em signos contingentes e opacos, que mediatizam, realizando-o em seu ato de ser.

Vimos que a metapsicologia de Freud sugere à filosofia o desapossamento da consciência como caminho e o tornar-se consciente como tarefa. Caso este projeto seja aceito pela filosofia, então o único *Cogito* possível é um *Cogito* que não se possui, que aceita não compreender a sua própria verdade originária, um *Cogito* que lute contra a ilusão e a mentira da consciência atual. Ricoeur reconhece esta inadequação da consciência imediata, mas ele não se contenta com tal constatação, pensa que é preciso continuar com a reflexão. Depois da “humilhação” da consciência, torna-se necessário vislumbrá-la agora não como algo em si. O modelo pulsional da psicanálise sugere que ela deve ser entendida pelo desejo que a sustenta. A consciência experimenta seu primeiro “trabalho de luto”, pois é humilhada e abandonada como centro da estrutura da existência humana. Diante da inexistência da consciência imediata, evidencia-se a necessidade da interpretação para toda a verdadeira autocompreensão. O ato de existir afirma-se na diferença e na relação com outros atos, exprime-se por meio de obras e sinais.

Só depois de ler Freud é que se percebe, claramente, porque a consciência não é origem, mas tarefa hermenêutica; Ricoeur não esconde que foi a leitura de Freud que o levou a realizar a crítica do narcisismo e do falso *Cogito*. Ricoeur valoriza a crítica freudiana da religião e da moral. Segundo ele, Freud acaba com toda a “cristologia penal”, destroi a ideia de um “Deus moral”, permitindo, assim, situar o verdadeiro espaço da experiência da fé num desejo educado pela prova do luto e, por isso, liberto para todo um novo poder de amar. É assim que a questão da fé se torna hermenêutica e assume o desejo como referência de afirmação originária de ser na própria falta do ser.

A hermenêutica do símbolo ou da recuperação do sentido não seria possível sem a crítica da psicanálise. Graças a essa hermenêutica da suspeita, Ricoeur pode afirmar que não há apreensão direta de si por si, mas somente a via longa da interpretação dos signos. Aliás, essa é a hipótese de trabalho filosófico de Ricoeur: a reflexão concreta, ou seja, o *Cogito* mediatizado por todo o universo dos signos.

Como a história da filosofia é também a história da consciência, eis que o filósofo espera da história o advento de um sentido. Já no início dos anos cinquenta, a ideia

primitiva de uma reconquista do sujeito através dos signos mediadores dos saberes histórico estava presente na obra ricoeuriana. A necessidade de objetivar o conhecimento de si é constante no pensamento de Ricoeur: a consciência não é nada menos que a grande tarefa da condição humana. A hermenêutica está aberta à possibilidade do conhecimento de si. O “si” não tem mais nada do solipsismo cartesiano, só recuperado ao termo do longo desvio da hermenêutica da suspeita. O desvio da reflexão direciona-se para o alcance do sujeito concreto, ao modo de aprendizagem dos signos que testemunham seu desejo de ser. Para Ricoeur, ao contrário da subjetividade moderna, o sujeito não aparece no princípio, mas no termo do percurso filosófico.

A hermenêutica dos símbolos procura pensar o laço entre o homem e o sagrado, busca, nos mitos, indicações para estabelecer uma ontologia da finitude. A meditação hermenêutica do filósofo estabelece, *ao nível metodológico*, três procedimentos: em primeiro lugar, propõe-se uma investigação das formas simbólicas; em seguida, o estabelecimento de uma criteriologia que exponha a estrutura das formas linguísticas aparentadas, tais como a metáfora e a alegoria, constituintes da linguagem de duplo sentido; depois, faz a comparação entre estilos hermenêuticos e a crítica dos sistemas de interpretação. Sua hermenêutica, *ao nível da reflexão filosófica*, mostra que a compreensão dos símbolos é para o homem, um momento da compreensão de si mesmo; por fim, *ao nível da existência*, faz nascer uma nova imagem do homem instaurado a partir da concretude da realidade e de seus símbolos.

Ricoeur anuncia o símbolo como “sobredeterminado”. Expandindo o uso da expressão psicanalítica, ele nos fala de uma determinação tanto arqueológica, quanto teleológica. Depois disso, ele pretende encontrar na textura do símbolo o entrecruzamento das duas linhas de interpretação, cuja conciliação pensamos abstratamente. Ele nos convida a “escutar” o símbolo. Ricoeur busca uma “segunda ingenuidade”, ou seja, o retorno à capacidade de crer depois de ter passado pela crítica. O símbolo aparece como um desafio à interpretação, dada a sua estrutura significante. A explicação do símbolo, então, deve passar por uma disciplina intelectual. Primeiro é o desapossamento da consciência, depois, a antitética da reflexão e por fim uma dialética do símbolo. Claro que, com isso, Ricoeur não está propondo uma volta ao irracional. Ele anseia, de fato, por uma reflexão, ou seja, por

uma hermenêutica do símbolo. A segunda ingenuidade é diferente da primeira (pré-crítica). Ela passa por uma escuta instruída.

O símbolo comporta em si condições que são passíveis de interpretações múltiplas e diversas. Há uma hermenêutica voltada para o passado do indivíduo e outra voltada para a emergência de figuras que antecipem nossa experiência humana. Os símbolos autênticos, para Ricoeur, são regressivos/progressivos, reminiscência e antecipação, arcaísmo e profecia.

A função regressiva/progressiva do símbolo corresponde a outra função própria do símbolo – ocultação/revelação. Ricoeur sustenta também que a função de sublimação expressa esta simbólica de desvelamento e disfarce. A reflexão separa estas funções, isola o disfarce daquilo que revela. Ricoeur quer ultrapassar esta dicotomia. Ele crê que o onirismo humano, marcado pela regressão e ocultamento, pode passar por um processo de sublimação que o leve à posição de descoberta e projeção.

Por meio da simbólica, Ricoeur quer alcançar uma hermenêutica que, depurada pela crítica, possa se aproximar da existência humana concreta, lançada no mundo, para a qual o homem busca um sentido por meio de seus desejos e da esperança. Em oposição à hermenêutica da suspeita de Freud, Marx, Nietzsche e Feuerbach, Ricoeur vê na cultura também a possibilidade de uma hermenêutica da restauração do sentido. Esta hermenêutica está ligada à experiência religiosa. Ele, como bom filósofo, não pretende extrapolar a teleologia para chegar a Deus ou a uma escatologia. Ricoeur pretende introduzir uma hermenêutica do sagrado. Para isso, ele retoma a simbólica do mal. Afirma que quando a reflexão percebe seu limite e percebe o mal, então se abre espaço para o sagrado. Os símbolos do mal estão aí para nos mostrar a realidade não somente limitada, mas também deficiente da experiência humana. Se há mal, há necessidade de uma salvação que se refira à destinação última do homem. Ao fim se percebe que o conhecimento racional nunca é completo. O saber absoluto fracassa. Há sempre mais nos símbolos e mitos que nossa filosofia possa retirar. O mal nos mostra que a filosofia tem limite: o mal é inescrutável, irrecuperável numa especulação – diante dele, a filosofia se cala. O mal aparece aí “dizendo” do fracasso de nossas existências e de nosso poder, questionando o saber absoluto em sua impossibilidade.

A simbólica do mal aponta para uma salvação que se anuncia no horizonte a despeito do mal. Há um grande “apesar de” que implanta a esperança. Há também um “graças a...”, um princípio do bem que ultrapassa o mal. Não se trata aqui de elaborar uma teodicéia ou um saber, mas da construção de uma inteligência da esperança. Estamos diante do sagrado, do mistério, que sempre se apresenta como um horizonte que não se compreende totalmente, que se busca e se recebe com humildade e fé.

A hermenêutica do sagrado ou da confiança só pode ser compreendida depois da crítica da hermenêutica dos mestres da suspeita. A hermenêutica da confiança ou interpretação pela palavra e pelo símbolo pressupõe uma dimensão ontológica do existir, descobrindo o homem como antecipação da plenitude (fé), como possibilidade de ser.

A hermenêutica do símbolo ou da recuperação do sentido não seria possível sem a crítica da psicanálise. Graças a essa hermenêutica da suspeita, Ricoeur pode afirmar que não há apreensão direta de si por si, mas somente a via longa da interpretação dos signos. Aliás, essa é a hipótese de trabalho filosófico de Ricoeur: a reflexão concreta, ou seja, o *Cogito* mediatizado por todo o universo dos signos.

A origem da fé, lembra-nos Ricoeur, reside na solicitação do homem pelo objeto de fé. Num outro totalmente outro e absolutamente “em si” eu não poderia ter fé. A verdadeira solicitação da fé implica que o totalmente Outro negue a sua alteridade radical, tornando-se acontecimento da palavra humana, no entanto, apenas reconhecível pelo movimento infinito de interpretação desta palavra. Surge assim uma forma de obediência, que nada tem a ver com a ética da obrigação e da interdição. Crer é ouvir a interpretação que me é dirigida por meio da ambiguidade dos signos do sagrado.

5. Considerações finais

A mediação da psicanálise como hermenêutica da suspeita é fundamental para uma compreensão da abordagem ética que aparece em *O si-mesmo como um outro*, em 1990. Nessa obra, pode-se dizer que se Ricoeur apresenta uma proposta hermenêutica notável é porque, ao construí-la segundo a “via-longa” do confronto com as hermenêuticas da suspeita, incluindo seu diálogo crítico com a psicanálise, ele confere à sua hermenêutica um poder insólito ao vincular a interpretação ao cerne da vida e da existência humana por

meio dos vários signos nos quais ela se objetiva – como nas ações, sua hermenêutica conduz à compreensão de um ser que é efetividade e dinamicidade e que faz experiência do outro na intimidade de si-mesmo.

Ao fundar uma ética na subjetividade humana – a subjetividade de ser-imposto pela alteridade, Ricoeur aproxima a maneira de agir da maneira de ser. Eis a mútua fecundação entre ética e ontologia, de uma maneira tal que justifica falar em ser “si-mesmo como um outro”. Com isso, ademais, apresenta-se uma concepção do mal: quando nossas ações não correspondem a esse nosso ser-imposto – ou seja, quando preferimos agir segundo a ilusão de um ego fechado em si – tornamos possível toda sorte de mal no mundo, seja em foro íntimo, seja-o em relação ao outro diante ou distante de mim. Destarte, pode-se considerar que Ricoeur logrou sucesso em seu intento de fornecer à moral uma base mais profunda do que a lei, fonte de tantos conflitos em todas as esferas – como ilustra sabiamente a voz não-filosófica de *Antígona*. Submeter-se a algo mais profundo, o “chamado a viver bem com e para os outros nas instituições justas”, torna-se, pois, uma afirmação de insólito valor, porque cancela a perversa inversão de uma vida submissa à lei, quando essa é que deve estar a serviço da vida. Eis a reapropriação crítica da *phronésis* aristotélica, que, ao final, supera as dicotomias entre universalismo e contextualismo, bem como entre univocidade e arbitrariedade, através da proposta de uma rica dialética entre argumentação e convicção – pela qual se confirma um si em vista do outro. Se toda leitura permite que alguém entre em contato com a alteridade do “mundo do texto”, há certos autores cujas obras têm a extraordinária capacidade de ampliar essa alteração do si, a qual impede ao leitor de permanecer o mesmo (no sentido de mesmidade). Paul Ricoeur insere-se nessa distinta classe, afinal, ao enobrecer o valor das narrativas históricas e fictícias, ele é capaz de dilatar as veredas da nossa autocompreensão para que reconheçamos nosso ser em plena consonância com nossa cultura. Assim, a hermenêutica ricoeuriana revela ser de grande valia, sobretudo porque todos os seus percursos – justamente por versarem sobre a existência humana – negam-se a se encerrar numa *theoria* desconexa da *praxis*. Trata-se de uma proposta que interpreta o mundo (todo o horizonte da preocupação do si) para, a partir de sua explicação e compreensão, vislumbrar novos modos de ser com base nos quais podemos atuar a transformação desse mesmo mundo.

Referências:

ANDRADE Abrahão Andrade. *Ricoeur e a formação do sujeito*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2000.

CESAR, Constança Marcondes (org.). *A hermenêutica francesa: Paul Ricoeur*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Paul Ricoeur: Ensaios*. São Paulo: Paulus, 1998.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 11, n.30, 1997. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext

GUIMARÃES, André Eduardo. *A paternidade no confronto entre psicanálise da religião e fé*. Porto alegre: EDIPUCRS, 1999.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaios sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Finitud Y culpabilidad*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

_____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SILVA, Maria Luíza Portocarrero da. *A hermenêutica do conflito em Paul Ricoeur*. Coimbra: Livraria Minerva, 1992.

Considerations on the subject of the Cogito injured in Freud and the task of rebuilding the concept of subject in Ricoeur: prolegômenos for an ethics

Abstract: This work is the result of a study that investigated the matter of the subject in "reflective philosophy" of Paul Ricoeur. The methodology, we chose the cut-out phase of the work of the author (1960-1969), which takes up the problem of subjectivity by the psychoanalytical view, especially in *The Interpretation: Essays on Freud*. Our argument is to demonstrate the relevance of this issue as presented by Ricoeur. In our view, the author, a dash of originality, achieved through the symbolic hermeneutics, which he adopted, presenting a philosophical reflection on psychoanalysis and appropriating a discourse that takes advantage of it as a movement of consciousness immediately and deconstruction, deftly, pointing a way out of the stalemate it was in the subject. The denial of the subject, powered by psychoanalysis, is ably subjected to critical reflection and strategically manipulated to serve the discourse of recovery of a new conception of the subject. We would say that the ashes of the subject (or cogito) Cartesian left by Freudian

deconstruction, Ricoeur revives a new conception of human existence or subjectivity, purified of its falsity or immediacy. Who is this guy who was rescued by the hermeneutic ricoeuriana? How important are cultural and religious symbols for the venture reflexive construction of a new concept or subject of consciousness in Ricoeur? As psychoanalysis served the purposes of the philosopher? Such problems of philosophy guiding our investigation "practice" which the author proposes, in which consciousness is an unfinished task, an effort or desire to be.

Keywords: Psicanálise; Ricoeur; Cógito; Subject; Hermenêutica.

Data de registro: 12/12/2010

Data de aceite: 08/04/2011